

Recensão

a *Primeiro amor, últimos ritos*, de Ian McEwan (Lisboa: Gradiva, 2005)¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Primeiro amor, últimos ritos é a tradução portuguesa de *First Love, Last Rites* (1975), a polémica obra de estreia do prosador e argumentista inglês Ian McEwan, vencedora do *Somerset Maugham Award*. Trata-se de um conjunto de oito narrativas, que revelam alguns temas centrais da escrita de McEwan: a perda da inocência; a sexualidade e a perversão; o crime e a culpa. Estes assuntos são abordados numa perspetiva neogótica, que arrisca explorar comportamentos sexuais desviantes como o incesto, a pedofilia, ou o simples voyeurismo. Nesta mistura, aperfeiçoada nos três livros seguintes (*In Between the Sheets*, *The Cement Garden*, e *The Comfort of Strangers*), reside a singularidade da escrita de McEwan, mas também a repulsa que alguns leitores sentem perante as suas histórias.

Longe de se desculpar, McEwan assume despudoradamente o desejo de perturbar, confrontando-nos ora com medos profundos ora com questões morais, de forma esbater a linha que separa a normalidade do estranho. Numa entrevista, confessa: “Quando comecei a escrever, aos 20 anos, queria chocar, escapar da cinzenta e provinciana literatura inglesa e seguir William Burroughs, Philip Roth, John Updike e Henry Miller, que pareciam estar em busca de algo mais ambicioso e arriscado”.

Nesta linha, várias das narrativas de *Primeiro amor, últimos ritos* apresentam temas ousados e desconcertantes. Por exemplo, o conto de abertura, intitulado “Geometria no espaço”, gira ao redor do falo do capitão vitoriano Nicholls, conservado em formol, e deixado ao narrador, em herança. A história seguinte, “Caseiro”, revela a primeira experiência sexual de um jovem de catorze anos com a irmã, uma criança ainda, quando brincavam às mães e aos papás. O conto mais atrevido talvez seja “Borboletas”, onde a morte e o amor — os eternos temas da escrita — se mesclam com a pedofilia. O leitor segue os passos de um jovem que obriga uma rapariga a excitá-lo sexualmente, um ato que resultará num desfecho tão fatídico quanto inesperado. Todos estes contos são relatados na primeira pessoa, criando a sensação de confissões sexuais, e aumentando a cumplicidade entre o leitor e o narrador.

Nem todos os críticos apreciaram a ousadia de McEwan, que pode ser também

¹ Mancelos, João de. “*Primeiro amor, últimos ritos*, de Ian McEwan”. *Máthesis* (Universidade Católica Portuguesa, Viseu) 15 (2006): 337-338. ISSN: 0872-0215.

confundida com um desejo de notoriedade, através do sucesso de escândalo. Neste contexto, a recepção a *Primeiro amor, últimos ritos* foi díspar, mas não deixou ninguém indiferente. Alguns analistas deploraram a alegada imoralidade das narrativas, ao ponto de alcunharem o autor de Ian Macabre, ou o de o classificarem como um “literary psychopath”. Pelo contrário, outros saudaram-no como um talento a seguir com interesse e gosto — e McEwan não os desapontou.

À distância de quase três décadas, e com a moderação que a passagem do tempo concede, parece-me justo relevar algumas das particularidades estilísticas de McEwan. Agrada-me sobretudo a sua aptidão para criar atmosferas, por vezes densas ou próximas ao realismo mágico, mas sempre verosímeis. Como afirma um crítico do *New York Times*, “Ian McEwan’s fictional world combin[es] the bleak, dreamlike quality of de Chirico’s city-scapes with the strange eroticism of canvases by Balthus. Menace lies crouched between the lines of his neat, angular prose, and weird, grisly things occur in his books with nearly casual aplomb”.

Um dos contos mais atmosféricos de *Primeiro Amor, Últimos Ritos* é precisamente o que dá título à coletânea de contos e a remata. Trata-se de uma pequena novela que relata a obsessão sexual entre o jovem narrador e uma rapariga, Sissel, presenciada pelo irmão desta. As metáforas originais, as comparações engenhosas e as descrições pormenorizadas resultam num ambiente visualmente evocativo. O realizador Jesse Peretz notou esta qualidade e adaptou o conto a filme, em 1998, com mais arte do que êxito comercial. Outros trabalhos de McEwan já tinham sido transpostos para o cinema, a saber: *The Comfort of Strangers* (Paul Schrader, 1990), *The Cement Garden* (Andrew Birkin, 1993), *The Innocent* (John Schlesinger, 1993).

O talento de McEwan revela-se também na forma como explora, com humor e uma pontinha de ironia, comportamentos sexuais que ainda são tabu na sociedade contemporânea. Ao escolher adolescentes para protagonizar as suas histórias, o autor permite-nos, mais do que um regresso nostálgico ao paraíso perdido da juventude, uma reinterpretação do ato biológico e social do crescimento. Neste sentido, alguns dos atos eróticos das personagens podem ser lidos como experiências importantes em busca da identidade, e não como perversões vazias ou meramente destinadas a chocar o leitor. Os narradores de “Caseiro” ou de “O último dia do Verão”, por exemplo, são inocentes e ingénuos, nas suas descobertas e reflexões, porque a força da sexualidade, aliada à inexperiência, os controla mais do que eles a controlam. O que eventualmente surpreenderá os leitores é a naturalidade quase adâmica dos seus atos, e a sensação de que, apesar de tudo, os narradores são jovens vulgares.

No entanto, *Primeiro amor, últimos ritos* não é um livro perfeito e as limitações, naturais numa obra de estreia, podem ser detetadas numa leitura atenta. Mesmo ao folhear o livro, apercebemo-nos, pela mancha tipográfica, da quase ausência de diálogo, o que é estranho, se tivermos em conta que as falas, frequentes na narrativa contemporânea, revelam a

personalidade dos actantes, fazem progredir a ação e concedem vivacidade à história. Por outro lado, algumas conversas entre as personagens, sobretudo no conto “Borboleta”, pecam pela falta de fluidez e de naturalidade.

O próprio autor, em entrevistas que tem concedido, demonstra algum embaraço acerca desta obra de estreia. Sem a enjeitar de todo, prefere considerá-la um degrau necessário à sua maturidade como homem e escritor. Com o romance *A Child in Time*, vencedor em 1987 do Whitbread Novel of the Year Award, McEwan afasta-se do ambiente neogótico. Nesta obra e nas seguintes investe noutros géneros literários (nomeadamente o guião cinematográfico), alarga as suas temáticas, e torna-se mais permeável às influências de Harold Pinter, Peter Schrader ou Evelyn Waugh. Das obras anteriores, McEwan trouxe a elegância do estilo, o conhecimento do espírito humano e a ironia inteligente — qualidades que desenvolverá ao longo dos anos e que lhe valeram um espaço nas estantes dos leitores, e um lugar cativo no cânone literário da literatura inglesa.